
VERMELHOS RITMOS E(M) BIOLOGIAS: SONORIDADES DE RUPTURA COM O ESPERADO NA SINGULARIDADE DE VIVER MULHER

RED SHADES, RHYTHMS AND BIOLOGY: SONORITIES BREAK WITH THE EXPECTED
IN THE UNIQUENESS OF BEING A WOMAN

ROJOS RITMOS EN BIOLOGÍAS: SONORIDADES DE RUPTURA CON LO
ESPERADO EN LA SINGULARIDAD DE VIVIR MUJER

Elenise Cristina Pires de Andrade¹, Daniela Franco Carvalho²

RESUMO

E se não houver espera, já que o tempo em re-existência não para e não passa? Abrir mão do tempo e(m) experimentações com imagens, esculturas, células, fluídos a perfurar um esperado, deixando-nos verter em vermelhos vivos junto às obras de Tunga e Cildo Meireles. Retirar da vida, do corpo, da resistência, a necessidade de um tempo 'vivido', de precisões conceituais biológicas, e vazar pelas bordas de um vermelho arrastado por signos da arte. Mulheres (s)em educação a des-afiar as estrias no tempo, e, com elas, abandonar as certezas e explicações rumo a uma experiência estética. Vontade de perder uma forma humana, orgânica, que busca organizar corpos e pensamentos e convidar, para essa resistência, desejos e forças criativas na produção daquilo que se quebra, daquilo que é efêmero, e que gera pulsos. Devir. Pulsar desde o meio da terra, da rua, da universidade, da sala de aula, do conhecimento dos museus, das artes... Arte-vida-*bio* que arrasta um *logos* para ritmos-gestos caóticos em um tempo mutante produzido na singularidade. Pois somos o tempo. Os pulsos de uma vida (s)em educação.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Educação. Arte. Biologia.

ABSTRACT

What if there is no waiting for the time in re-existence if it does not stop and does not pass? To give up on time through(out) experimentations with images, sculptures, cells, fluids to drill the upcoming. Moviments that can provoke us to pour in live red with Tunga and Cildo Meireles's art. To withdraw from life, from body and from the resistance, the need of a lived time of biological conceptual precisions. And to leek around the edges of a red, dragged by signs of art. Women seaming (des)educations. Women who dare to sharp the times rifling. And, with it, to abandon the certainties and explanations for an aesthetic experience. To desire to lose the human and organic form that seeks to organize bodies, movements, thoughts, resistances and fights. And to invite for this confront creative desires and forces to produce what is broken to itself, what is ephemeral and generates pulses. To become. To pulse from the middle of the earth, from the street, from the university, from the classroom, from the museums knowledge, from the arts. Art-bio-life that drags a *logos* to chaotic rhythms-gestures in a mutant time produced in the singularity. We are the time. The pulses of a life (s)in education.

KEYWORDS: Gender. Education. Art. Biology.

¹ Doutora em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Campinas, SP - Brasil. Professora Titular - Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) - Feira de Santana - BA - Brasil **E-mail:** nisebara@gmail.com

² Doutora em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Campinas, SP - Brasil. Professora Adjunta - Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Uberlândia, MG - Brasil. **E-mail:** danielafrancocarvalho@gmail.com

Submetido em: 28/02/2019 - **Aceito em:** 30/09/2019

RESUMEN

¿Y si no hay espera ya que el tiempo en re-existencia no para y no pasa? Abrir la mano del tiempo en experimentos con imágenes, esculturas, células, fluidos a perforar un esperado, dejándonos verter en rojos vivos junto a las obras de Tunga y Cildo Meireles. Retirar de la vida, del cuerpo, de la resistencia, la necesidad de un tiempo vivido, de precisiones conceptuales biológicas y hacer vaciar por los bordes de un rojo arrastrado por signos del arte. Las mujeres sin (con) educación a desafiar las estrías en el tiempo, y, con ellas, abandonar las certezas y explicaciones ir en dirección a una experiencia estética. Voluntad de perder una forma humana, orgánica, que busca organizar cuerpos y pensamientos e invitar, para esa resistencia, deseos y fuerzas creativas en la producción de lo que se rompe, de lo que es efímero, y que genera pulsos. Devenir. Pulsar desde el medio de la tierra, de la calle, de la universidad, del aula, del conocimiento de los museos, de las artes... Arte-vida-bio que arrastra un logos para ritmos y gestos caóticos en un tiempo mutante producido en la singularidad. Porque somos el tiempo. Los pulsos de una vida sin (con) educación.

PALABRAS-CLAVE: Género. Educación. Art. Biología.

1 MULHER É BICHO ESQUISITO, TODO MÊS SANGRA (Rita Lee)³



Figura1 – Vermelhas singularidades - Fonte: Imagens diversas⁴

³ Verso da música *É cor de rosa choque*. Álbum “Rita Lee e Roberto de Carvalho”, 1982.

⁴ As imagens apresentam-se borradas devido a uma política de privacidade das mesmas comum às publicações acadêmicas. Dessa forma, preferimos mantê-las nessa quase nitidez, escolha política e estética de uma expressão que, desde dentro desse quase, extrapola os links onde foram postadas (da direita para a esquerda):

Todo mês? Todo dia? Que tempos e que sangues seriam esses? Borrados? *Linkados*? Sangue-batom. Vermelho-porrada. Sangue-mulher sem vagina. Sem útero. Sem tetas. Vermelho-serenidade. Romper com o vermelho cor! Rosa choque! Contorcionar ritmos (in)visíveis. Descontinuar o sangue da conceituação de tecido hematopoiético. *Hematopoético*! Poesia em sangrias de afectos. *Bios* que invadem as membranas dos espaços-tempos para atravessarmos, em versos, *in-versos*, sonoridades de ruptura. Desentender o esperar ao propor não haver essa espera, já que o tempo em re-existência não para e não passa. *Aion*. “[...] tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não para de dividir o que acontece num já-aí, um tarde-demais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 49).

Singularidade que invade ao fissurar a busca por uma ‘mulher esperada’, por escritas e tempos cronológicos, acabadas e moldadas, capturadas para além e aquém de feminilidades, professoras, pesquisadoras. Expulsar essa espera que toma o desejo como falta, como necessidade de preenchimentos e justificativas. Escorrer pelas linhas anômalas que não delimitam as bordas. Capitalismo, mercado, controle, opinião, format-ações.

É arte de uma classe dominante essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, descarregar todo o desejo no grande medo de ser ter falta, fazê-lo depender do objeto de uma produção real que se supõe exterior ao desejo (as exigências da racionalidade), enquanto a produção do desejo é vinculada ao fantasma (nada além do fantasma). (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 45)

Desejar como vontade de potência. Des-esperar. Desprezar as vontades de estabelecimentos de linhas fixas, lugares delimitados, tempos cronológicos, relações de filiação. Tropa de choque, batom vermelho, rancor, leveza, mulher maravilha, colo, células, ônibus. Raquel Barbosa, Leilane Silva, Leila Rafaela, Lineker, Laerte, Elenise, Daniela,

1) Protesto na rua. Macedônia, 2016. Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/37014028164523274/>; 2) Foto no Instagram do canal de TV Rede Brasil sobre programa *Transando com Laerte*. Convidada: Liniker. Fevereiro, 2019. Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bt14bdAh68U/>; 3) Estudantes secundaristas lutando contra a reforma curricular. São Paulo, 2016. Fonte: <http://altne.pe.hu/wp-content/uploads/2015/12/Foto-Marlene-Bermago.jpg>; 4) Mulher indígena tenta impedir reintegração de posse no AM. Foto de Luiz Gonzaga Alves de Vasconcelos, *Jornal A Crítica* (2008). Fonte: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/10/24/brasil-ame-o-ou-deixe-o-pode-ter-sido-extrema-uncao-de-nossa-democracia/>; 5) Henrietta Lacks’ ‘Immortal’ Cells. Reportagem de Sarah Zielinski, postada em 22/01/2010. Fonte: <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/henrietta-lacks-immortal-cells-6421299/>; 6) Raquel Barbosa, assistente de árbitra de futebol, apitando CSA x Murici, em Alagoas. Foto de Pei Fon, do *TNH1*. Fevereiro, 2019. Fonte: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/confusao-assistente-firme-sob-pessao-expulsoes-e-caneta-as-imagens-de-csa-x-murici/>; 7) A partir de uma foto exibida pelas redes sociais, o artista Angelo France homenageia Leilane, a Super-Heroína. Foto no Instagram da Mídia Ninja. Fevereiro, 2019. Fonte: <https://www.instagram.com/p/BtzDH4fnWgm/>.

Henrietta Lacks e tantas e tantas renomeadas, desnomeadas. Desnortear, desejando sair de um norte, de uma direção, de uma linha de ajuste.

Desajustar, nessas escritas, as analogias, os rótulos, as estruturações, os julgamentos fundamentados em dualidades estéreis, pois sugam as (im)possibilidades em redemoinhos concêntricos de representacionalidades e comparações, expulsando a produção de sentidos (DELEUZE, 2003). Romper. Experimentar, convidar o hífen: ex-pulsar. Pulsos, braços, corpos em gestos por um 'tempo não pulsado' flutuante, Aion (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 51). Como nos dizem os autores franceses acerca da música de Boulez, onde o compositor distingue o tempo em uma "[...] música flutuante, flutuante e maquínica, que só tem velocidades ou diferenças de dinâmica" (p. 49), diferentemente do 'tempo pulsado', "[...] de uma música formal e funcional fundada em valores" (p. 49).

Ritmos, sonoridades, vermelhos, sentidos, signos. Expressão. Experimentação. "O fato é que, ao se abrir mão da noção de melodia e acompanhamento, de tema e desenvolvimento, a música abriu mão do tempo cronológico e do tempo causal. A música que resultava de tal modo de pensar saía do tempo e se aproximava das artes visuais" (FERRAZ, 2010, p. 68).

Tempo-corpo-planta arrancados do Cronos para brotar no Aion. Flor-mato-raiz-menstruação-sexo. Na violência singela da arte de Nicolas Tolmachev⁵, *Dear motherland*, tempo que fratura o espaço a querer desmobilizar um procedimento esperado, um pensamento coerente, uma reconhecimento que organize o movimento. Viver mulher nesse tempo aiônico, pelos-raízes *des*-frutando de sementes insanas que vibram, brotam, gestam.

Invadir os tempos do esperado. Ocupar as experiências e não simplesmente inverter os rótulos, essa é a nossa vontade neste texto. Do/no meio da terra, da rua, da universidade, da sala de aula, dos conhecimentos, dos museus, das artes, das biológicas. Fios que não pretendem costurar um plano único, mas per-furar provocando contatos, contágios.

O vampiro não filia, ele contagia. A diferença é que o contágio, a epidemia coloca em jogo termos inteiramente heterogêneos: por exemplo, um homem, um animal e uma bactéria, um vírus, uma molécula, um microorganismo. (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 23)

*Venha me beijar, meu doce vampiro!*⁶

Beijos, ventos, contágios em afecção. Con-vidar, arte-vidar em *bios* e *logos* discordantes, heterogêneos, simbióticos. Des-filiar. Permitir que os fios dançam em sonoridades de ruptura. Descontinuidades. Fios-DNA, fios-membranas, fios-átomos, fios-

⁵ Postagem no Instagram do artista, @tolmachevn. "Dear motherland". Fonte: **revistak7** <https://www.instagram.com/p/BfUWdmagMeH/?r=wa1>. Postado em 18/02/18.

⁶ Verso da música *Doce Vampiro*. Álbum "Rita Lee", 1979.

tecidos, uma resistência a uma lembrança hereditária, em que as dimensões e tensões necessitam ser mantidas para que uma suposta vida-lembrança permaneça e continue. Imortalidade de uma vida morta?

Tempo esperado, determinado, cronometrado. Henrietta nasceu Loretta Pleasant, em 1920, estadunidense, negra, pobre e órfã. Aos 14 anos, já Henrietta, é mãe pela primeira vez e, em 1951, é internada no Hospital Johns Hopkins para tratamento de um câncer que a matou. Até que um dia, na década de 1970, vinte e cinco anos após a morte de Henrietta Lacks, a sua família foi procurada, já que as já famosas – pois espalhadas por inúmeros centros de pesquisas pelo mundo, visto que se reproduziam indefinidamente – *HeLa cells* foram identificadas como pertencendo a Henrietta, e não a *Helen Lane*, codinome criado pelo pesquisador que iniciou o cultivo das células da jovem mulher.

[...] um pós-doutorado chamou o marido de Henrietta, que havia estudado até a terceira série do ensino fundamental e nem sabia o que era uma célula. A maneira como ele entendeu o telefonema foi: “Temos sua esposa. Ela está viva em um laboratório. Temos feito pesquisas sobre ela nos últimos 25 anos e, agora, temos que testar seus filhos para ver se eles têm câncer.”. Mas não foi o que o pesquisador disse. Os cientistas não sabiam que a família não entendia. A partir desse ponto, porém, a família foi sugada para esse mundo de pesquisa que eles não entenderam, e as células, em certo sentido, tomaram conta de suas vidas. (tradução nossa, ZIELINSKI, 2010, s.p.)

Células ‘imortais’ que assumem a vida mortal da família de Henrietta quando a jornalista Rebecca Skloot, que lança o livro *The immortal life of Henrietta Lacks* em 2010, encontra-se com os filhos e marido dela e relata sobre o acontecido com as células da mãe-mulher-esposa. Estudos médicos e farmacológicos que se estendem por vários outros ramos de comércio, incluindo o ramo das artes, como fotografias, design de moda e instalações em museus (MOORE, 2017). Esse autor ainda nos avisa sobre outros desdobramentos da comercialização das *HeLa cells*, tencionando tal estado ao fato de Henrietta ser negra e descendente de escravos, já que nem ela nem sua família deram consentimento sobre a utilização das células mutantes retiradas de seu corpo.

Uma consulta do termo de pesquisa "HeLa art" resulta em produtos em quase todas as categorias e faixas de preço na Web: pinturas, instalações de arte, designs de canecas de café, fotografias, camisetas e sacolas gráficas, chinelos e capas de telefone. [...]Trabalhando a partir da premissa previamente estabelecida de que HeLa subsiste na bioescravatura para a ciência, essa discussão estende essa crítica ao campo da arte comercial. Como e para quem o trabalho de HeLa? Existe um argumento ético a ser feito em relação aos usos das imagens HeLa? Por razões de espaço e escopo, vou limitar meu envolvimento a textos em três áreas da arte: fotografia, design de moda e instalação de museus. (tradução nossa, MOORE, 2017, p. 58)

Inúmeras outras possibilidades podem ser arrastadas com esse plano de vivência das *HeLa cells*. A artista Joana Ricou encontrou-se, mais de 50 anos após a morte de Henrietta, por acaso, com suas células em uma conferência na Universidade de Carnegie Mellon, em Pittsburgh, EUA. A artista e bióloga portuguesa nos conta que, por não ocorrer o esperado nessa conferência – técnicas de visualização do citoesqueleto –, as cores e as luminosidades das *HeLa cells* lhe encantaram e uma série de pinturas começaram a nascer. Joana Ricou nos provoca: *A unidade fundamental do corpo é a célula, mas o que acontece quando a célula imortal transcende o corpo?*⁷ Fios descabidos dentro de uma cronologia de vida. Que invasão seria essa que assola a família da jovem mulher, já que seu marido não consegue entender a pergunta dos pesquisadores: o que seriam as células de Henrietta? A quem tais células pertencem? Esse pertencimento envolve somente a esfera econômica ou atravessa, de alguma forma, um esperado para o papel dessas células na memória hereditária?

2 HABITAR PAIXÃO-VIDA EM VERMELHOS CIGANOS

[...] Era o seu segundo caderno de bolso. [...] puxou o elástico vermelho-sangue que abraçava as folhas. Logo viu que estavam em branco. Nem uma gota de tinta ou marca de nascença. Pensou, quase sem hesitar, em colocar seu nome no caderno. Talvez por um misto de volição e agonia do encontro com o vazio. Indigentes, Vinícius Abrahão de Oliveira, 2016

Que nome as composições de Tunga⁸ e os vermelhos ciganos de Cildo Meireles⁹ colocariam num caderno? Arte-artista-cor-mulher-cigana cozinhados coletivamente. Tunga e Cildo Meireles invadem esse texto na experiência de compor, com suas produções artísticas, constituições docentes. Di-versos signos a nos provocar o pensar do plano estético tensionado à política. De versos em versos...

Na Galeria Psicoativa Tunga, no Inhotim, cinco obras estão no pavilhão. Objetos dispostos sobre o assoalho. Uns em cobre, outros em cerâmica alva. Mamicas, mamas, mamilos em processos de brotamento. Cospem um visgo duro que não cabe mais em si. Jorram força de transformação. Força a ser cozinhada no tacho.

⁷ Entrevista concedida ao Portal Público. Publicação de 28/01/2013. Disponível em <https://www.publico.pt/2013/01/28/jornal/quando-ciencia-e-arte-se-unem-na-mesma-pessoa-25958577>. Acesso em: 20 fev. 2019.

⁸ Maiores informações em <https://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/galeria-psicoativa-tunga/>.

⁹ Maiores informações em <http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/galeria-cildo-meireles/>.



Em mexidos sem fim de se
viver mulher.

Mulher-peito-bunda¹⁰.

Dona das divinas tetas¹¹.



Figura2 - Tetas assombrosas

Fonte: Galeria Psicoativa Tunga, Inhotim, MG. Acervo de Daniela Franco Carvalho

Leite-conteúdo que alimenta horas semanais em salas de aula. Conhecimento-seio num corpo professora. Força em resistência à mama ofertadora de leite morno. Aversão ao pré-fabricado estereótipo daquela que ensina, que doa, que deposita suavemente nas bocas abertas de seus alunos a mistura homogênea de saberes. Desejos ardentes de que o leite seja gotejado dos peitos de todas as mulheres que estão lá. No encontro. E que esse leite escorra enchando a pele e formando poças que se misturam aos suores, medos, anseios e alegrias que nos constituem. Para que possam ser mexidos. Cozinhados. Coletivamente.

Leite sangue.

Palavras leite.

Que sangram.

O vazio. O oco. O orgânico que não mais habita o corpo.

Em pura ausência de sangue. De leite. De suor. De líquidos. De carne.

Tunga nos põe diante da fugacidade da vida.

¹⁰ Referência a versos da canção *Pagu*. Álbum "3001", Rita Lee, 2000.

¹¹ Referência a versos da canção *Vaca Profana*. Álbum "Totalmente demais", Caetano Veloso, 1986.



Figura3 - Assombros (s)em órbita

Fonte: Desvio para o vermelho: Impregnação, Entorno, Desvio, 1967-1984, Inhotim, MG.
Acervo de Daniela Franco Carvalho

Frente a frente àquilo que habita nosso tecido neural e nos potencializa enquanto seres pensantes, agora morto. Tudo o que nosso cérebro e músculos e pele e nervos produziram eternizados em ossos que um dia acolheram a massa cinzenta que nos possibilitou a escrita. Os dizeres. Os desejos. Obra máquina que orbita chapéus que acolhem crânios ocos. Ex-pessoas. Ex-singularidades. Ex-professoras. Ex-mulheres.

Ex-tintos. Leitosos. Ensanguentados.

É por intermédio da relação entre algo figurável em metáfora e o deslocamento do sentido que Tunga opera em polos opostos, deixando que esse descompasso se movimente em nós como uma abertura. Aqui há duas expressões: uma que desregra o olhar, o captura e a outra que o desmencura, para lhe dar o invisível a ver. (MATESCO, 2016, s.p.)

Visões do invisível que inunda o vazio de nós mesmos. Como alimentar com leite e sangue corpos ocos? Como impulsionar desejos de sucção em bocas mortas? Como incutir vida em seres inanimados? Como capturar forças vivas se não pelo próprio desejo? Como criar¹² conjuntamente matéria cada vez mais elaborada sendo mulher-professora da qual espera-se a distribuição irrestrita do leite materno?

Por fora, a galeria branca.



Mas ao se abrir a porta, uma luz-vermelhidão em diferentes tonalidades penetra a córnea, o humor aquoso, a pupila, o cristalino, o humor vítreo, e chega à retina. Eis imagens. Inúmeras. Em desvios para o vermelho. Numa sala-quarto-cozinha com objetos impregnados de sentidos que nos remetem às histórias de outros, de outras, que também são nossas. E tal como a própria vida, o macro com suas marcações de tempo, daquilo que se experimenta, e o micro, em cada detalhe, em cada elemento singular do que se vive. E que nos constitui na materialidade.

Figura4 - Des-ver en(canto)

Fonte: Desvio para o vermelho: Impregnação, Entorno, Desvio, 1967-1984, Inhotim, MG.
Acervo de Daniela Franco Carvalho

¹² Referência a Gil (2008, p. 136): “a improvisação é criação”.

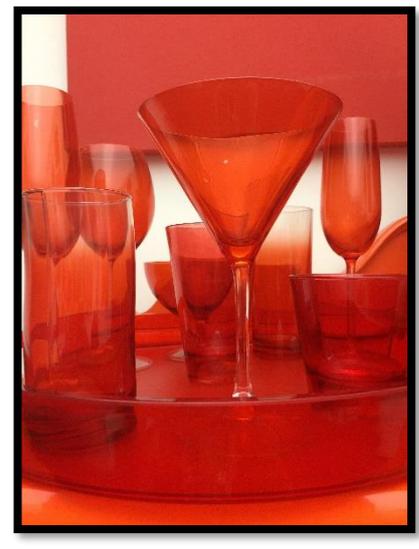


Figura5 - Des-ver e(m)...

Fonte: Desvio para o vermelho: Impregnação, Entorno, Desvio, 1967-1984, Inhotim, MG.
Acervo de Daniela Franco Carvalho

Chinelos, quadros, livros, copos... o cotidiano vermelho. Em pulsos.

Linhas flexíveis que “traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145). Ao mesmo tempo que se quer permanecer, há desejos de transformação.

Vestido de noiva para casamentos consigo mesma¹³. Taças para comemoração de desaniversários¹⁴. Televisões para obras de arte.

Vermelho em forças de desvio. Desvios para o vermelho. Cor-movimento que nos lança para outros lugares. *Aqui nessa casa ninguém quer a sua boa educação...* Tempos. *Aqui nessa tribo ninguém quer a sua catequização...* Pensamentos. *Aqui nesse barco ninguém quer a sua orientação...* Vidas. Deseducar essa mulher professora a ser a teta que tudo provê, a viver-se no esperado! *A vida que vai à deriva é a nossa condução...*¹⁵

3 BALANÇAR BALANGANDÃS E DANÇAR E CANTAR SEM PARAR (S)EM EDUCAÇÃO

- Onde é que tá anotado aí o negócio do *Atoladinha*¹⁶?

- O negócio do que?

- (cantando) *Tô ficando atoladinha, tô ficando...*

- Acho que não tem isso aqui não

- O negócio do *Atoladinha* é o seguinte: *O Globo*, do Rio, fez um certo escândalo porque eu disse que o refrão da *Atoladinha* era uma das ondas concêntricas que a bossa-nova tinha feito desencadear. Parece uma coisa tão diferente e tão distante, mas isso não é verdade. Então eu fiz uma espécie de exegese para explicar o que eu tinha dito antes: o refrão da *Atoladinha* é um metarrefrão microtonal e polissemiótico.- Agora ficou claro¹⁷.

Clareza atualizada na fala de Tom Zé, no trecho citado acima, onde o músico conversa com Jô Soares sobre o funk *Atoladinha*¹⁸. Atualização junto à genialidade desse artista ao desestruturar os padrões de moralidade e normalidade¹⁹ tão presentes nos espaços brasileiros, sejam midiáticos ou não. Ritmos das/nas singularidades dos femininos, das aulas, das viadagens, das células, das performances nômade, dos balangandãs ciganos.

¹³ Referência à obra *Vestido de Noiva* (1943) de Nelson Rodrigues.

¹⁴ Referência ao conceito *un-birthday*, da obra de Lewis Carroll (1983) *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*.

¹⁵ Nesse parágrafo, os versos em itálico referem-se à canção *Volte para o seu lar*. Autoria Arnaldo Antunes. Álbum "Mais", Marisa Monte, 1991.

¹⁶ Referência à canção *Atoladinha*. Álbum "Bola de Fogo e as foguetas", MC Bola de Fogo, 2005.

¹⁷ Disponível em <https://youtu.be/hubD31XaHqU>. Publicado em 16/02/2009. Acesso em: 20 fev. 2019.

¹⁸ O objetivo da ida do músico ao Programa do Jô foi a divulgação de seu álbum "Danç-Eh-Sá", 2006.

¹⁹ Um comentário complementar sobre a fala de Tom Zé, realizada no blog de Túlio Ceci Villaça: "Sua participação no talkshow do Jô Soares reverberou no meio musical pela análise da melodia ascendente por quartos de tom, mas levantou mesmo a plateia pelo elogio da afirmação feminina pela sexualidade, ao identificar neste refrão uma reação feminina à castração judaico-cristã que proíbe a mulher de gozar." Funk, Freud, feitiço, as Foguetas e as fogueiras da Santa Inquisição. Disponível em <https://tuliovillaca.wordpress.com/2010/06/14/funk-freud-feitico-as-foguetas-e-as-fogueiras-da-santa-inquisicao/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

*DES*entender as ordens de comando na desfaçatez dos espaços autoritários. Gesto-- ritmo que afasta tropa, choque, cassetete e aperta a voz nos dentes cerrados. Tornarmo-nos em *DES*ocupação e, junto a essa proposta, abrimo-nos para as ousadias epistemológicas em sítios arqueológicos universitários, professoras vivenciando uma mulheridade. Mulheres experimentando a docência. Expansão no tempo numa vontade de perder uma forma humana, orgânica, que busca organizar corpos, movimentos, pensamentos, resistências e lutas com desejos e forças criativas de produção do novo, daquilo que se quebra, daquilo que é efêmero, e que gera pulsos. Alisamentos das estrias temporais.

Salientamos que há múltiplas, complexas e importantes distensões, posturas e sensibilidades que atravessam essas discussões, mas queremos explorar um intervalo – dançar e cantar o refrão de *Atoladinha* – nesta política de/em aceitar somente o que já é esperado e organizado e reconhecido. Atolarmo-nos ao deslizar com MC Bola de Fogo e as Foguentas, Sidney Magal²⁰, Ney Matogrosso, pelos gestos nômade. “Mais que um ícone, Ney Matogrosso foi um dos orifícios de penetração a um corpo de práticas nesse processo cartográfico coletivo” (NOGUEIRA, 2016, p. 775).

Penetrar com o corpo, possibilitar-lhe ser gesto de re-existência à violência do choque das tropas, sejam elas da polícia militar, da administração escolar e/ou universitária, das políticas impositoras de necessidades no campo da educação. Escolher o con-tor-cionismo do corpo atravessando o tempo, con-torcer(-se) convidando a experiência de ser-estar. Nogueira (2016), ao comentar sobre a importância de construir uma história crítica, reflexiva e filosófica da cultura brasileira “a partir da música, das letras, das melodias, dos modos de tocar ou de interpretar, dos instrumentos utilizados, dos figurinos, do histórico social e cultural incorporado, etc.” (p. 770), nos apresenta outras possibilidades para conectarmos corpo-gesto às posturas de resistência política.

²⁰ Nos inspiramos inicialmente para esse trabalho na música *Sandra Rosa Madalena*, “Magal”, 1978, de Sidney Magal, para pensar a mulher cigana, professora, que se permite não fixar o corpo e o pensamento. E, nesse movimento, elaboramos uma composição poética: *Habita em mim uma cigana cintilante que gargalha em meus ouvidos gritos sagitarianos de força nômade. Em desejos pulsantes de me fazer sorrir, de me fazer cantar e dançar sem parar. Agitando balangandãs em sonoridades de ruptura com o esperado. Na singularidade de ser mulher mapa-mundi galopante. Em vermelhos. Em paixão.*

Focar-se na música e na sua relação com todas as matrizes de afirmação política, que atravessam o corpo, sejam elas raça, classe e/ou gênero apontam, na realidade, para outro modo de conceber o conhecimento e o pensamento crítico incorporado: sentindo-o. Disto se trata uma epistemologia sensível (VINDEL GAMONAL, 2010)²¹, no entanto, periférica: emana de sujeitos e lugares de conhecimento antes menosprezados, subalternizados, e, ao mesmo tempo, só se efetiva no contágio daqueles que a buscam. (NOGUEIRA, 2016, p. 770-771)

CONTORCER, CONTAGIAR. Girar em versos que expressam e explodem sentidos. Gestos. Escrever *PESQUISAR* *atra-versando* o funcionamento-diagrama, conceito que “desterritorializa e desterritorializa-se na sua potência absoluta. É um devir” (GODINHO, 2013, p. 141). Tomadas por *atraversamentos* questionamos: que experimentações podem ventar por *entre* escritas-fluxos-mulheres? Vermelhos, ritmos, biologies em devir nas linhas de força das escritas-mulheres-rasgos. Deixar-se enlouquecer pela potência criativa do pensamento impensável, como tantas vezes crianças, loucos, bêbados (se) deixam! E nós, mulheres! Que bradamos, gritamos, parimos e paramos o trânsito e... estudamos e... pesquisamos... e...

Olho muito tempo o corpo de um poema

Ana Cristina Cesar

Olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas.

Versamos. *Atra-versamos.* *Com-versamos.* “Filete de sangue nas gengivas” a nos questionar: como a deseducação no cotidiano vivido perpassa por essa densidade de ser mulher? Como pintamos em vermelho os muros brancos, fazendo borrar os rostos já amalgamados de uma educação machista, conteudista, desarticulada dos sentidos, daquilo que mais profundamente nos torna humanos?

Superfícies-rasgos em experimentações na pele, no papel, no chão.

Mulheres-ruas. Nuas.

(De)formar as formas de *subVERSÃO* em versos de existência inesperada.

²¹ Alguns artistas na América Latina trabalharam sobre esta questão. O historiador e crítico espanhol Jaime Vindel (2010, p. 271), ao abordar o trabalho do artista argentino Víctor Grippo, comenta: “A arte, vinculada de modo inextricável à imaginação, configura uma nova epistemologia sensível do mundo que desfazia a dicotomia moderna entre objetividade (científica) e subjetividade (artística), entre conhecimento e criação.” (tradução nossa)

REFERÊNCIAS

- CESAR, Ana Cristina. *A Teus Pés* (1982). In: **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. [seleção e organização Ítalo Moriconi]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. 4.ed. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva. 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Vol 4**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34. 2.reimp., 2005. 176p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34. 2010. 560p.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FERRAZ, Sílvio. Deleuze, música, tempo e forças não sonoras. In: **ArteFilosofia**, Ouro Preto, n.9, p. 67-76, out, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/634>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- GIL, José. Ritornelo e imanência. In: LINS, Daniel; GIL, José. (Org.). **Nietzsche/Deleuze: jogo e música**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.
- GODINHO, Ana. Diagramas para pensar/diagramas de sensação. In: GALLO, S.; NOVAES, M.; GUARIENTI, L. B. O. (Org.). **Conexões: Deleuze e políticas e resistências e...** Petrópolis, RJ: DP&A; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: Capes, 2013.
- MATESCO, Viviane. **O corpo nas performances de Tunga**, 2006. Disponível em: <http://revistacaju.com.br/2016/07/19/tunga/>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- MOORE, Marlon Rachquel. Opposed to the being of Henrietta: bioslavery, pop culture and the third life of HeLa cells. In: **Medical Humanities**, n. 43, p. 55-61, 2017.
- NOGUEIRA, Fernanda. Metamorfose ambulante A desidentificação carnavalesca de Ney Matogrosso na militadura brasileira. In: **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 769-788, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/viewFile/8646425/14497>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- OLIVEIRA, Vinícius Abrahão de. Indigentes. In: PAJEÚ, Hélio Márcio (Org.). **I LITERO-RODAS 2016: poesias, contos e crônicas**. São Carlos: Pedro & João, 2016. p. 51-54.

VINDEL GAMONAL, Jaime. **Arte y política**: genealogía crítica de las estrategias conceptuales en el arte argentino entre 1965 y 2001. 2010. 555 f. Tese (Doutorado em História da Arte) - Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de León, León, Espanha, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/SvAe6x>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ZIELINSKI, Sara. Henrietta Lacks' 'Immortal' Cells. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/science-nature/henrietta-lacks-immortal-cells-6421299/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Revisão gramatical realizada por:
Ricardo Magno Macedo Argolo.
Email: magno.argolo@hotmail.com